



O USO DE FILMES DOCUMENTÁRIOS COMO FERRAMENTA EDUCATIVA PARA O ENSINO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE SANTA INÊS/MA

THE USE OF DOCUMENTARY FILMS AS AN EDUCATIONAL TOOL FOR TEACHING SOCIOLOGY IN HIGH SCHOOLS IN THE MUNICIPALITY OF SANTA INÊS/MA

Carolina Vasconcelos Pitanga^{1*} , Daniela de Fátima Ferraro Nunes² , Maria Juliana Pereira Sousa³, Luciana Soares Silva³

1 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora Adjunta do Departamento de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

3 Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

RESUMO: O artigo tem o objetivo de apresentar os resultados do projeto de extensão que teve o intuito de analisar os filmes documentários como ferramenta educativa. Este projeto de extensão foi desenvolvido por docentes e acadêmicas da Universidade Estadual do Maranhão no Centro Educa Mais Poeta Antônio José, localizado na cidade de Santa Inês/MA. Com este propósito, foi possível promover uma reflexão e um debate sobre as relações de gênero e a cultura do machismo com estudantes do 2º ano do ensino médio. Inicialmente, foi aplicado um questionário para apreensão das percepções das/os estudantes. Em seguida, a exibição de documentários e promoção de um bate papo sociológico com o tema “Relações de gênero e a cultura do machismo” possibilitaram às/aos estudantes uma compreensão maior sobre as identidade social de mulheres e homens, desigualdades sociais, violência, trabalho doméstico e sexualidade. Como resultado, observou-se as atividades desenvolvidas promoveram uma ruptura em noções estereotipadas e preconcebidas sobre as questões de gênero, assegurando que o uso de documentários pode servir como ferramenta educativa no contexto da sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da sociologia. Documentários. Educação. Gênero.

ABSTRACT: This article aims to present the results of an extension project that aimed to analyze documentary films as an educational tool. This extension project was developed by professors and academics from the State University of Maranhão at the Centro Educa Mais Poeta Antônio José, located in the city of Santa Inês/MA. With this purpose, it was possible to promote a reflection and a debate on gender relations and the culture of machismo with students in the 2nd year of high school. Initially, a questionnaire was applied to capture the students' perceptions. Then, the screening of documentaries and the promotion of a sociological chat on the theme “Gender relations and the culture of machismo” allowed the students to have a greater understanding of the social identities of women and men, social inequalities, violence, domestic work and sexuality. As a result, it was observed that the activities developed promoted a rupture in stereotypical and preconceived notions about gender issues, ensuring that the use of documentaries can serve as an educational tool in the classroom context.

KEYWORDS: Teaching Sociology. Documentaries. Education. Gender.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma experiência de uso de filmes documentários como ferramenta educativa a partir dos resultados alcançados com a aplicação de um projeto de extensão desenvolvido por docentes e acadêmicas da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Santa Inês junto ao Centro Educa Mais Poeta Antônio José, localizado no município de Santa Inês/MA.

O projeto intitulado “CineSociológico: relações de gênero e a cultura do machismo” foi implementado na disciplina de Sociologia com estudantes do 2º ano do Ensino Médio depois de ter sido aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX da Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da UEMA, ciclo 2021-2022. Para a realização das atividades do projeto, a equipe executória foi formada por duas bolsistas, uma estudante voluntária, duas professoras da UEMA e a professora de Sociologia da escola.

De modo geral, a instituição escolar se constitui como um espaço para o desenvolvimento de diversas competências e habilidades, desde a primeira infância. Nela, circulam uma série de saberes, valores, crenças e ideias que contribuem diretamente para a formação de identidades sociais. Por meio de processos diversos de socialização, essa instituição realiza atividades de ensino-aprendizagem, mas também promovem a formação das identidades dos sujeitos, contribuindo diretamente na trajetória de crianças e adolescentes.

Durkheim (2014, p. 48-49) destaca que os costumes, ideias e práticas são tradições sociais historicamente estabelecidas. A educação, por sua vez, não é o resultado dos nossos gostos e desejos individuais. Ela está diretamente ligada às formas de organização social e política, crenças, níveis de desenvolvimento tecnológico e econômico de cada sociedade. Considerando que “a educação consiste em uma socialização metódica das novas gerações” (2014, p. 54), Durkheim nos alerta para a importância de problematizar o “natural” e nos afastamos das pré-noções, que prejudicam a busca de conhecimento e de transformação social.

A temática sobre gênero e sexualidade tem recebido destaque por conta de acontecimentos de grande repercussão ocorridos no campo político, especialmente, nos setores mais conservadores. A abordagem sociológica sobre esse tema tem o propósito de promover diálogos e problematizações sobre a fixidez das identidades de gênero.

De acordo com Lauretis (1994, p. 220-221), cinema, televisão, propagandas são só alguns dos exemplos de “tecnologias de gênero” que produzem hierarquias e marcam as diferenças entre homens e mulheres pela via da diferença de gênero. Não só o tipo de enquadramento, a composição e as técnicas cinematográficas, mas também os códigos cinematográficos (maneira de olhar, cores, objetos) constroem o gênero fazendo com que essa oposição/complementariedade entre o feminino e o masculino seja materializada através das imagens. Considerando as produções audiovisuais que circulam atualmente, observa-se que as representações midiáticas reiteram as desigualdades sociais e invisibilidades vivenciadas pelas minorias sociais.

O gênero, como afirma Scott, é a “primeira maneira de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 16). Com base na análise das relações entre os sujeitos, percebe-se que essa marcação organiza concreta e simbolicamente a vida social.

A percepção sobre os marcadores sociais da diferença, em geral, também não se dá de forma aleatória. É necessário que, ao longo do processo de socialização, crianças e jovens observem e analisem as diversas formas de diferença social, dentre elas, a diferença de gênero, raça/etnia, idade, regionalidade etc. A partir disso, a compreensão sobre as posições sociais e a luta por direitos sociais podem ser realizadas por meio da apresentação

de conteúdos e do estímulo ao debate, pautado no respeito às diferenças.

Louro, no livro *Gênero, sexualidade e educação* (2014, p.84-85), destaca que a escola não apenas reproduz as relações de gênero e de sexualidade vivenciadas na sociedade, ela também as produz, já que a instituição escolar contribui diretamente na constituição de sujeitos femininos e masculinos.

[...]Se admitirmos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas ela também fabrica sujeitos, produz identidade étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitirmos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditarmos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (Louro, 2014, p.89-90).

Nesse sentido, cabe a profissionais da educação a tarefa política e social de promover reflexões e ações de questionamento sobre a naturalização das desigualdades de gênero, os desdobramentos da cultura do machismo e dos pânicos morais (Miskolci, 2007) – homofobia, sexismo, misoginia - instaurados na sociedade.

Este projeto foi desenvolvido tendo em vista a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2018) que destaca o dever das escolas em promover uma série de atividades com o intuito de estimular a não-violência, o diálogo e o combate às discriminações e às violações a pessoas ou grupos sociais. No documento, consta duas importantes competências a serem desenvolvidas pelas disciplinas das Ciências Humanas e que foram norteadoras para a realização das ações deste projeto:

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos ético (BNCC, 2018, p.577).

Com base no desenvolvimento destas habilidades e competências, as atividades do projeto também contemplaram algumas das metas previstas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS (ONU, 2015). Dos 17 ODS, especifica-se no Objetivo 4: Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Quanto aos Objetivo 5, caracteriza-se por: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Por meio de uma abordagem interseccional, para a realização do projeto, ressaltou-se a necessidade de desenvolvimento de ações inclusivas de aprendizagem no que se refere especificamente às seguintes áreas: educação de qualidade (ODS 4), igualdade de gênero e redução das desigualdades (ODS 5). Buscou-se, nesse sentido, contribuir para a promoção de reflexões e debates que sirvam para combater as diversas formas de discriminação, considerando os

diversos aspectos que constituem a formação dos sujeitos.

O destaque para a interdisciplinaridade proposta neste projeto estabelece uma relação entre sociologia, imagens e as relações de gênero que se justifica pela utilização dos documentários como recurso pedagógico que servirá, posteriormente, como forma de avaliação dos meios visuais como potencializadores de ensino e aprendizagem.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do projeto de extensão, dividiu-se as atividades em seguintes etapas principais: (a) pesquisa bibliográfica sobre gênero e sexualidade e sobre os filmes como ferramenta educativa (b) aplicação de questionários com vistas a identificar e analisar a percepção e o conhecimento das/os discentes sobre as questões de gênero (c) pesquisa ação ou pesquisa tipo intervenção pedagógica (Tripp, 2005; Thiollent, 2009), realizada por meio da exibição dos documentários e promoção de debate no intuito de realizar uma culminância do conhecimento e das experiências vivenciadas ao longo da exibição dos documentários.

A pesquisa realizada foi de caráter exploratório e descritivo. Além disso, foram produzidos dados de caráter quanti-qualitativo (Flick, 2009), tendo em vista a indicação de que as técnicas mistas de coleta de dados auxiliam numa compreensão mais aprofundada sobre a realidade social investigada.

Quanto à pesquisa bibliográfica, foi construída uma base de referencial teórico formada por autoras/es ligados ao que chamamos de estudos de gênero e sexualidade, tais como Joan Scott, Guacira Lopes Louro, Berenice Bento e Richard Miskolci. Em relação aos estudos sobre filmes como ferramenta pedagógica, destaca-se a contribuição dos estudos de Ismail Xavier, Marcos Napolitano, Rogério de Almeida e Paulo Menezes.

David Tripp destaca que a pesquisa ação é constituída por uma série de fases interdependentes que visam a alcançar o objetivo geral da investigação. Desse modo, o primeiro passo está no reconhecimento do contexto social e das práticas daquelas/es envolvidas/os.

O reconhecimento é uma análise situacional que produz ampla visão do contexto da pesquisa-ação, práticas atuais, dos participantes e envolvidos. Paralelamente a projetar e implementar a mudança para melhora da prática, o reconhecimento segue exatamente o mesmo ciclo da pesquisa-ação, planejando como monitorar e avaliar a situação atual, fazendo isso e, a seguir, interpretando e avaliando os resultados a fim de planejar uma mudança adequada da prática no primeiro ciclo de pesquisa-ação de melhora (Tripp, 2005, p. 453).

O público-alvo do projeto foi formado por estudantes do 2º ano do Ensino Médio do Centro Educa Mais Poeta Antônio José. A professora da disciplina de Sociologia cedeu alguns horários para a realização do projeto. Com o intuito de realizar a etapa de reconhecimento, foi enviado um formulário do *Google Forms* às/aos estudantes para que preenchessem com suas informações. Por meio dele, recebemos informações gerais sobre idade, gênero, orientação sexual, percepção sobre as diferenças de gênero, situações de violência, realização de trabalho doméstico e informações sobre relacionamentos amorosos e sexualidade no ambiente familiar e/ou escolar.

Entendendo que a pesquisa ação é uma pesquisa participativa (Tripp, 2005), é necessário destacar que

De uma perspectiva puramente prática, a pesquisa-ação funciona melhor com cooperação e colaboração porque os efeitos da prática de um indivíduo isolado sobre uma organização jamais se limitam àquele indivíduo. A pesquisa-ação praticada individualmente pode criar um problema que Senge (1990, p. 23) identifica com o “dilema nuclear da aprendizagem”: aprendemos melhor com a experiência, mas não podemos fazê-lo se não vivenciamos as consequências de muitas de nossas decisões mais importantes nem podemos nos introduzir nas experiências dos que o fazem. Isso quer dizer que não se trata de envolver ou não outras pessoas, mas sim do modo como elas são envolvidas e como elas podem participar melhor do processo (Tripp, 2005, p. 454).

Dito isso, as etapas seguintes do projeto foram realizadas com o objetivo de aproximar as proponentes do público-alvo por meio de diálogo e da exibição de documentário que serviram como facilitadores para a reflexão e o debate sobre as questões levantadas. Ao final de cada encontro, as/os estudantes fizeram pequenos textos sobre suas percepções e ideias, que foram coletados ao final da atividade. Os questionários, as falas e os textos escritos das/os estudantes foram coletados e interpretados em aproximação com a análise de conteúdo (Mendes; Miskulin, 2017), evidenciando tanto a percepção das/os estudantes quanto as experiências descritas nos momentos de diálogo e troca de saberes.

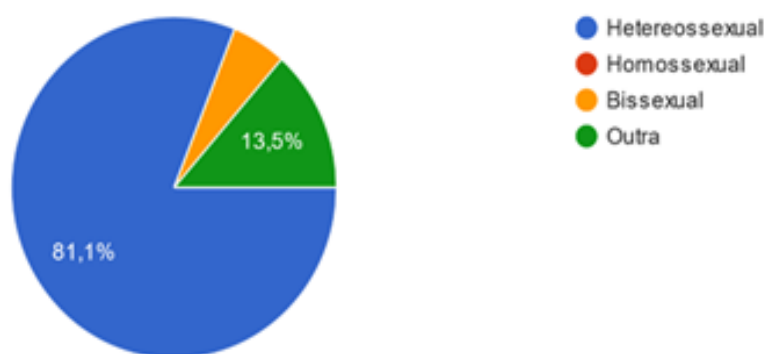
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Concepções das/os jovens sobre gênero e sexualidade

Na aplicação do questionário para levantamento de dados sobre o público da intervenção, recebemos respostas de 37 estudantes do 2º ano de ensino médio, dos quais 25 são do gênero feminino e 12 são do gênero masculino. As questões foram divididas entre questões de cunho pessoal (gênero, idade, orientação sexual, vítima ou agressor em alguma situação, realização de trabalho doméstico e informações sobre relacionamentos amorosos e sexualidade no ambiente familiar e/ou escolar) e questões de percepção (representação sobre o que são atividades tipicamente femininas e masculinas, entendimento sobre direitos sociais garantidos) (Figura 1).

Quanto à idade, 24 das/os estudantes tinham 16 anos, 6 tinham 15 anos e 4 tinham 17 anos. Na Figura 1, a seguir, observa-se que quanto à orientação sexual, 30 (81,1%) se consideram heterossexuais, 5 (13,5%) escolheram a opção “outra” e 2 (5,4%) se consideram bissexuais.

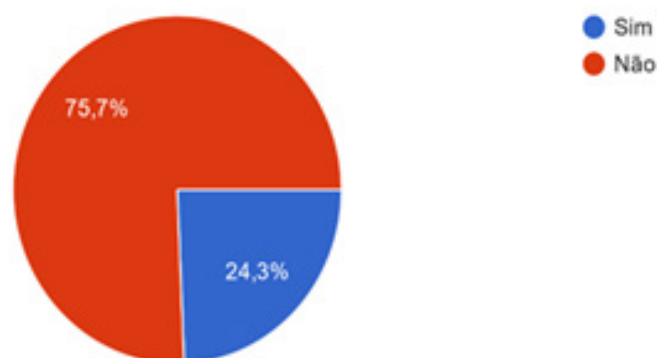
Figura 1. Orientação sexual dos jovens participantes do projeto de extensão (n=37)



Fonte: Autoras (2022).

Na figura 2, vê-se que quanto a já ter passado por algum tipo de questionamento sobre sua sexualidade, 28 (75,7%) afirmaram que não passaram por esse tipo de constrangimento e 9 (24,3%) indicaram que sim, já foram questionados sobre sua sexualidade.

Figura 2. Quantidade de jovens participantes do projeto de extensão questionados por sua sexualidade (n=37)

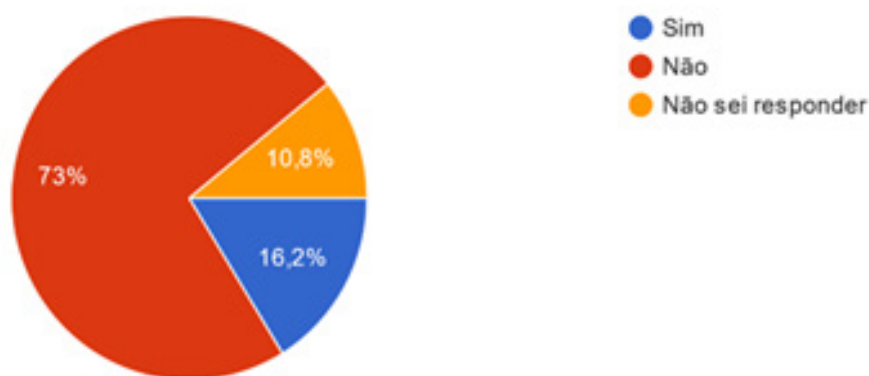


Fonte: Autoras (2022)

Quando foi pedido para relatar a situação, alguns indicaram que prefeririam não comentar. Um/a estudante afirmou que sua família já havia questionado por conta do seu jeito de ser/comportar e outra afirma não se relacionar nem com homens nem com mulheres, por isso, sua família costuma questionar sobre suas preferências amorosas.

Quanto a ter sido vítima de algum tipo de agressão, 27 (73%) afirmam que não e 6 (16,2%) afirmam que sim, já passaram por algum tipo de agressão, como pode ser visto na Figura 3.

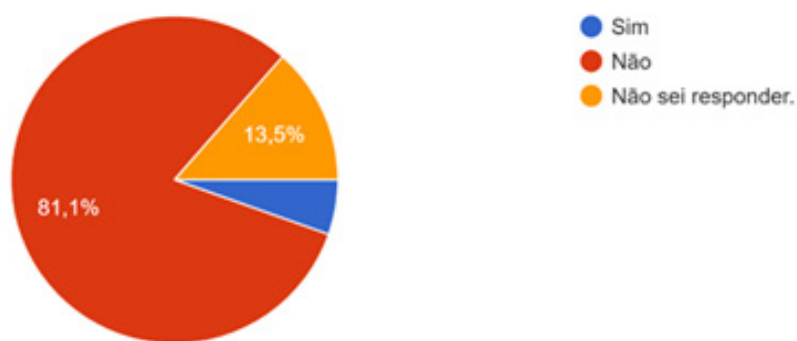
Figura 3. Quantidade de jovens participantes do projeto de extensão vítimas de algum tipo de violência (n=37)



Fonte: Autoras (2022).

Na Figura 4, pode-se observar que quanto à já ter realizado algum tipo de violência, 30 (81,1%) afirmam que não e 5 (13,5%) afirmam que não saberiam responder. Sobre isso, observa-se que a definição sobre violência costuma ser relacionado com atos de agressão física. Dito isso, seria necessário que uma abordagem mais aprofundada para termos dados mais concretos sobre situações de violência vivenciados ou realizados pelas/os estudantes, considerando também o contexto social no qual estamos inseridas/os.

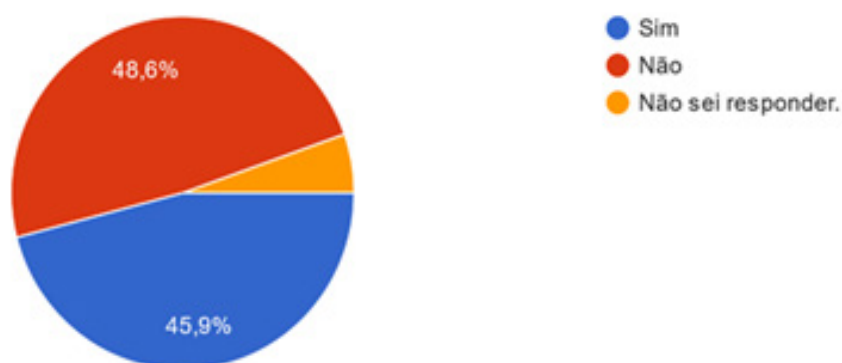
Figura 4. Quantidade de jovens participantes do projeto de extensão que praticaram algum tipo de violência (n=37)



Fonte: Autoras (2022)

Quando a questão era sobre receber informações sobre amor e sexo no ambiente escolar e familiar, observa-se que dos 37 somente 17 (45,9%) afirmam receber informações em casa e 18 (48,6%) não recebem. No ambiente escolar, 24 (64,5%) afirmam não receber esse tipo de informação na escola e 9 (24,3%) afirmam receber. Uma pequena quantidade de estudantes (10,8%) não soube responder a essa questão, como pode-se ver nas Figura 5 e 6.

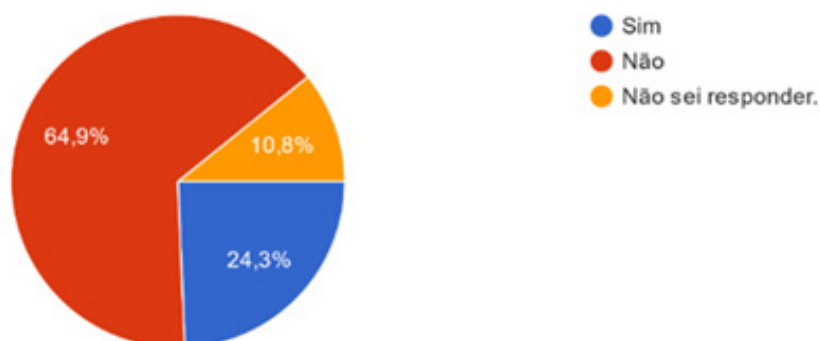
Figura 5. Quantidade de jovens participantes do projeto de extensão com algum tipo de informação sobre relacionamentos amorosos e sexuais (n=37)



Fonte: Autoras (2022)

Portanto, pode-se considerar que falar sobre gênero, relacionamento e sexualidade ainda é um assunto considerado difícil por pais, mães e professoras/es.

Figura 6. Acesso a informações sobre relacionamentos amorosos e sexuais no ambiente escolar pelos jovens participantes do projeto de extensão (n=37)



Fonte: Autoras (2022)

Considera-se que essas informações são importantes para que se possa ter um reconhecimento dessa população. Contudo, como não foi feita uma entrevista em profundidade, o objetivo, nesse caso, foi levantar informações gerais sobre essa temática entre as/os jovens e fazer com que se começasse a pensar sobre os tópicos que seriam abordados nas próximas etapas do projeto.

3.2 O uso de filmes documentários como ferramenta educativa

Filmes de ficção ou documentários são artefatos culturais que disseminam saberes e práticas. Sua linguagem possibilita a quem assiste a experiência de identificação e emoções variadas. Durante o século XX, o cinema, no contexto das produções hegemônicas, tornou-se um grande produtor de discursos de reificação das normas de gênero, fixando características e modos de ser e agir para sujeitos de acordo com o binarismo sexual. Nesse sentido, de acordo com Louro (2000), essas produções são uma espécie de pedagogia cultural.

Almeida (2014) informa sobre os aspectos polissêmicos que abrangem o cinema, destacando três elementos principais: o cinema como tela, como espelho e como janela. O cinema como tela atua como dispositivo que visibiliza discursos. Sua recepção, entretanto, promove processos de identificação e estimula uma apreensão subjetiva. Por fim, enquanto janela, o cinema propõe uma ampliação de perspectivas, de modos de ver que são acionados por um determinado enquadramento do mundo. Para tanto, torna-se imprescindível o olho da câmera (que observa) e o olho de quem assiste.

Menezes (2004) destaca que os filmes, mesmo não sendo um reflexo da realidade, são constituídos por meio da seleção e são reorganizados a partir da realidade, segundo parâmetros valorativos de quem os dirige e produz. Esse é o caso dos documentários, visto que sua suposta relação com a “realidade” torna essa experiência ainda mais possível.

O cinema não é o duplo de qualquer realidade, mas ele sempre nos ajuda a olhar para essa mesma realidade. Ele é uma ficção que nos permite uma aproximação maior com essa realidade do que se víssemos o seu duplo reproduzido. Justamente por não ser o real, ele vai nos permitir perceber os tempos e espaços que o compõem, a dissolução de tempos que comporta e a articulação de memórias que engendra (Menezes, 1996, p.98).

Destacando o caráter pedagógico do cinema, Xavier (2008, p. 15) já havia reconhecido que “o cinema que ‘educa’ é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é ‘passar conteúdos’, mas provocar a reflexão”. Portanto, a exibição de filmes no contexto escolar pode atingir propósitos educativos se for considerado (a) o seu estímulo à uma visão crítica e analítica sobre o tema a ser abordado e (b) o fato do filme poder destacar “o avesso de uma sociedade, seus lapsos” (Ferro, 1992, p. 86), possibilitando a visibilidade de narrativas contra hegemônicas e subalternas.

A seleção de documentários nacionais, produzidos com o destaque nos traços culturais há muito tempo enraizados no contexto social brasileiro, foi feita a partir dos seguintes critérios: conteúdo produzidos recentemente que trouxessem a temática das relações de gênero e sexualidade, enfatizando a desnaturalização das normas de gênero e avaliando os efeitos das desigualdades sociais subsequentes. Os documentários “Repense o Elogio” (2017- Dirigido por Estela Renner) e “Precisamos falar com os homens” (2019 - Direção: Ian

Leite e Luiza de Castro) serviram como estímulo ao debate sobre as relações de gênero e sexualidade, incluindo entendimento sobre a cultura do machismo e os diversos efeitos provocados pela diferença de gênero, tendo em vista a quantidade de pessoas que são violentadas e até mesmo assassinadas por conta do preconceito e da discriminação.

Quando questionados sobre o que haviam achado dos filmes, as/os estudantes ressaltaram suas percepções de forma variadas. Assim, destaca-se o relato de algumas estudantes:

“Não tinha ainda pensado sobre o elogio como algo constrangedor. Eu já senti vergonha de ser chamada atenção quando ando na rua” (Estudante, 17 anos).

“A história lá da menina que gosta mais das atividades de menino....eu era assim quando era mais nova. Queria brincar com o meu irmão. Aí tinha gente que falava que eu ia ser sapatão” (Estudante, 16 anos).

“Eu ajudo nas tarefas de casa com minha mãe. E ainda tenho que lavar as roupas dos meus irmãos. Acho isso absurdo, mas ninguém se questiona sobre isso” (Estudante, 16 anos)

A partir dos relatos acima, observa-se que alguns assuntos são mais observados pelas/os estudantes. A questão da divisão das tarefas domésticas entre mulheres e homens, o constrangimento de ser abordada por parte das meninas e as divisões de tarefas e/ou atividades a partir da lógica binária são frequentemente trazidas como pontos de discussão.

Apesar de ambos os documentários trazerem informações e narrativas sobre violência de gênero, a turma não trouxe relato sobre situações vivenciadas por elas/os em algum contexto. Contudo, afirmaram ter conhecimento sobre como a violência é um aspecto comumente vivenciado por mulheres e pela população LGBTQIAPN+ enquanto vítimas dos valores machistas e misóginos internalizados pelos sujeitos.

Com tais proposições, ainda é importante ressaltar que as/os estudantes ampliaram os seus entendimentos sobre o feminismo enquanto movimento político, social e intelectual que luta pela igualdade de gênero¹ e do machismo² enquanto ideologia discriminatória que traz consequência ruins para a vida tanto de mulheres como dos homens também.

Sobre isso, um estudante observou que

“Achava que o machismo era ruim mesmo para as mulheres que apanharam...que não podiam trabalhar por causa dos maridos e filhos. Que as mulheres eram vítimas, né? Mas no filme, os homens também são vítimas, porque sofremos pressão para ser homens.” (Estudante, 16 anos).

A masculinidade hegemônica tem mulheres como principais vítimas. Porém, o medo de ser confundido com homossexual, a privação de falar sobre sentimentos e a necessidade de parecer forte são algumas das questões que compõem a performatividade tida como masculinidade. Berenice Bento destaca que

¹ Nos termos discutidos por Chantler e Burns, 2015.

² Nos termos apresentados por Saffioti (2004, p. 35) e atualizado nas discussões feitas por Bento (2015) e Castro (2018) quando observam que a forma como o machismo é exercido de maneira a desvalorizar e afastar-se do feminino, enquanto prova de afirmação da masculinidade.

[...] o fato dos homens provarem sua masculinidade perante outros homens é tanto uma consequência do machismo como um de seus principais sustentáculos. No entender do homem, é tão baixa a posição que a mulher ocupa na sociedade, que é inútil a tentativa de definir a si próprio em relação à mulher. A mulher torna-se uma espécie de moeda que o homem usa para melhorar sua colocação na escala social masculina. [...] Admitindo-se que a masculinidade é uma aprovação social, sua emoção dominante é o medo. Medo em ser confundido com mulher, medo que os outros homens percebam a sensação de insuficiência (Bento, 2015, p. 99).

Ao longo dos debates sobre as relações de gênero ocorridos logo após a exibição dos documentários, observou-se que as expectativas sobre o processo de construção de identidades femininas e masculinas foram destacadas pelas/os estudantes como um elemento coercitivo, sendo visto por elas/es como uma pressão social. Sabe-se que essas expectativas se irrompem no contexto familiar e escolar como práticas de regulação de corpos e desejos. Tendo em vista que 64,9% do público afirma não ter recebido informações suficientes sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar e que 48,6% afirma não ter recebido informações por parte de seus familiares, destaca-se a necessidade de apresentar conteúdos reflexivos sobre a formação das identidades de gênero e sexuais e desenvolver estratégias pedagógicas para problematizar as assimetrias sociais vivenciadas por mulheres e homens com o intuito de desnaturalizar as desigualdades de gênero e produzir deslocamentos nos discursos e práticas normativas que repetidamente constituem o processos de formação dos sujeitos.

Em suas análises sobre a performatividade de gênero, Butler (2003) destaca que os efeitos dos discursos e das instituições normatizam as relações de gênero e sexualidade por meio da repetição de padrões com vistas a estabelecer uma ordem social. Contudo, esse processo de normatização também oferece saídas para transgressões e subversões das matrizes dos gêneros inteligíveis.

Assim, buscando superar o paradigma biologizante sobre as identidades de gênero, a escola pode se configurar como um espaço produtivo de aprendizagem sobre a igualdade de gênero e repensando as hierarquias que sobrepõem masculino/feminino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre desigualdades de gênero e o questionamento sobre as diferenças entre mulheres e homens serviu como meio de refletir e problematizar as relações sociais vivenciadas cotidianamente pelas/os estudantes. Ao longo da exibição dos documentários e nos momentos de troca sobre o que foi assistido, alguns deles afirmaram que tinham passado por situações de constrangimento ou violência, mas só tiveram a percepção disso depois que ouviram os relatos das narrativas apresentadas pelas personagens dos documentários.

Desse modo, o uso de filmes documentários e/ou outras produções audiovisuais serve como intervenção pedagógica para estimular o debate sobre gênero e sexualidade tendo em vista os seguintes pontos:

- A materialidade dos filmes tem um caráter representacional, o que facilita o processo de identificação e aproximação de sentidos e significados para quem assiste.
- A exibição no espaço escolar auxilia na ruptura com valores e ideias estereotipadas que se estabelecem sobre determinados temas, em especial, aqui destaco, a dis-

cussão sobre gênero e sexualidade no âmbito escolar.

- Por meio das narrativas exibidas e pelas observações realizadas ao longo das exibições e nos momentos de conversa, as/os estudantes sentiram-se mais à vontade em se expressar e expor suas histórias e pontos de vistas.

Além de apontar o caráter pedagógico do uso de documentários no contexto de escolar, com essa experiência de extensão universitária, percebe-se que a exibição serve para promover o encontro com a cultura, tendo em vista que os filmes propõem uma convergência de lazer, estética, ideologia e valores sintetizados em uma única obra de arte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. Possibilidades formativas do cinema. **Revista Rebeca**, São Paulo, v. 6, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/118> Acessado em: 10/02/2022.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Ciências humanas e suas tecnologias. Volume 3. Brasília, 2006.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CASTRO, Suzana de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Aprender**, Vitória da Conquista, n. 20. p. 75-82. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552/3589> Acessado em: 02/04/2022.

CHANTLER, Khatidja e BURNS, Diane. Metodologias feministas. In: SOMEKH, Bridget e LEWIN, Cathy (orgs). **Teoria e Métodos em Pesquisa Social**. Tradução de Ricardo Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2015. p.111-120.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

FERRO, M. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FLICK, Uwe. **Pesquisa qualitativa e quantitativa**. In: FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia de Gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque (org). **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da Cultura. Rio de Janeiro. Ed, Rocco,1994. P.206-242.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENDES, R.; MISKULIN, R. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.47., n.165, p.1044-1066, 2017. Disponível: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ttbmyGkhjNF3Rn-8XNQ5X3mC> Acessado em:21/10/2020.

MENEZES, Paulo. O cinema documental como representificação: verdades e mentiras nas relações (im)possíveis entre representação, documentário, filme etnográfico, filme sociológico e conhecimento. In: NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **Escrituras da Imagem**. São Paulo: Edusp, 2004, p. 21-48.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cad. Pagu** [online], n. 28. p.101-128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/tWFyRWkCdWv4Tgs-8Q6hps5r/abstract/?lang=pt> Acessado em: 20/10/2020.

- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez. 1995.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 17^a. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV-4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt> Acessado em: 21/10/2020.
- XAVIER, Ismail. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 13-20, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6683/3996> Acessado em? 22/09/2021.